

ESCUTANDO O SURDO: uma fundamentação psicanalítica do uso do computador no trabalho com crianças surdas

Jorge R. M. Fróes*

Introdução

Conforme anteriormente registramos (Fróes, 1992), problemas cognitivos e lingüísticos relacionados às crianças surdas têm sido usualmente associados ao assim referido "desenvolvimento de suas características simbólico-verbais", admitindo-se que as "operações mentais mais afetadas pela surdez são aquelas que requerem facilidade simbólico-verbal". Neste sentido, embora criando e desenvolvendo uma forma de linguagem própria, o domínio dessa linguagem não seria suficiente para que crianças surdas pudessem suprir várias deficiências atribuídas à ausência de um código simbólico-verbal específico, como o usado por um falante comum (Fernandes, 1990). De outra forma, a ênfase na questão da oralização de crianças surdas, admitida, em certos casos, como um pré-requisito fundamental para a iniciação das referidas crianças no processo educacional, tem se confundido com situações que identificam problemas na oralização com "dificuldades cognitivas".

Entretanto, como registrado por Barrela (1991), as técnicas apoiadas nesta ênfase têm-se mostrado insatisfatórias:

Minha experiência como fonoaudióloga de crianças surdas de 2 a 4 anos mostrou-me que a aplicação de técnicas para a correta colocação de fonemas e posterior treino dos mesmos isoladamente e em pequenos vocábulos é insuficiente para o estabelecimento de uma comunicação eficiente, quer em termos de forma (produção), ou de conteúdo (idéias).

* Da Universidade Federal Fluminense

A utilização do computador na Educação Especial, em particular nos casos de crianças surdas, tem sido objeto de preocupação de diversos pesquisadores, registrando-se em nosso país vários resultados expressivos, que recomendam a continuação das pesquisas e o aprofundamento de questões correlatas. Particularmente, no que se refere ao uso de ambientes Logo, como registrado por Valente (1991) "o enfoque do processo educacional é a resolução de problemas", sendo necessário ainda "entender que tipo de conceitos e idéias estão sendo adquiridos nestas atividades".

Os estudos que temos desenvolvido procuram entender exatamente não apenas os tipos de idéias e conceitos envolvidos em tais atividades mas de que forma estes conceitos e idéias se produzem, permitindo ao surdo uma integração simbólica que lhe garanta um lugar na sociedade, quer em termos de comunicação quer em termos de produção intelectual.

Em paralelo, acreditamos que o desenvolvimento de nossas hipóteses de pesquisa poderão contribuir para um melhor entendimento do papel do computador na educação, trazendo ainda interessantes revelações sobre a apaixonante problemática das relações entre pensamento e linguagem.

Registre-se ainda que mesmo pesquisadores, que utilizam como referência um quadro teórico estritamente construtivista, têm levantado questões a respeito da aplicabilidade dos conceitos da Psicologia Genética à Educação Especial. Tomemos, a propósito, do texto das professoras Léa Fagundes e Rosane A. de Nevado, *Novo Paradigma em Informática e Educação Especial*, a seguinte interrogação:

Se a Psicologia Genética nos tem fornecido um referencial teórico poderoso para estudar e compreender o desenvolvimento cognitivo da criança em geral, poderá também servir como um modelo explicativo do desenvolvimento e embasar modos de intervenção que incrementem os processos de aprendizagem das crianças ditas "especiais"? (Fagundes e Nevado, 1991)

Das Questões Envolvidas à Formulação do Problema

Nossa prática com crianças surdas, desde a experiência inicial desenvolvida no INES — Instituto Nacional de Educação de Surdos do Rio de Janeiro — (Frões, 1990,1991), gerou várias questões que, de alguma forma, nos incentivam à pesquisa, ao estudo e à análise crítica dos resultados parciais já obtidos. Dentre tais questões e pretensos resultados, destacamos:

(Q1) — O que ocorre na interação da criança surda com o computador, que permite, na quase totalidade dos casos observados, uma melhoria acentuada na expressão simbólica da criança?

(Q2) — Quais os mecanismos que operam na criança surda, em interação no ambiente LOGO, permitindo, por exemplo, que novas alternativas de comunicação sejam alcançadas e desenvolvidas?

(Q3) — De que forma se processa, em tais situações, a interferência do computador no processo cognitivo da criança surda?

(Q4) — Admitindo-se a validade da afirmativa lacaniana: "O inconsciente é estruturado como uma linguagem", pergunta-se:

— portadores de surdez congênita profunda, que nunca teriam sido tocados pelo assim referido "banho de linguagem", têm um inconsciente?

— e, caso afirmativo, como seria então o inconsciente do surdo estruturado?

É imediato que, a partir da própria abordagem deste trabalho, as questões Q1, Q2 e Q3 são, de certa forma, equivalentes, vez que, como em seguida será esclarecido, os aspectos relativos à expressão simbólica envolvem tanto a comunicação quanto o desenvolvimento cognitivo.

Quanto à Q4, a ênfase recai mais precisamente nos paradigmas psicanalíticos adotados, e parece claro que possíveis respostas poderão ser talvez generalizadas ou parcialmente estendidas a casos clínicos específicos.

Certamente muitas outras questões associadas aos aspectos psicopedagógicos poderão advir, quaisquer que sejam as conclusões obtidas, na discussão dos temas propostos.

Neste trabalho, consideramos o computador como um instrumento cibernético, suporte do registro simbólico, segundo a conceituação de Jacques Lacan, discutida no texto da conferência *Psicanálise e Cibernética, ou da Natureza da Linguagem*, além de outros momentos registrados em o Seminário 2 "O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise", fundamentando a utilização da linguagem Logo como instrumento de trabalho que permite complementar determinados aspectos associados ao registro simbólico, a partir de uma abordagem natural e lúdica que caracteriza um "mergulho no simbólico", e que destaca uma particularidade atribuída por J. Lacan ao computador: o fato de permitir uma distinção essencial dos planos imaginário e simbólico. De outra forma, discute-se a aplicabilidade da teoria biológica dos objetos mentais, que indica uma familiaridade neuronal entre conceitos, percepções (visuais) e imagens mentais (Changeux, 1983), estabelecendo-se possíveis relações com a integração do paradigma lacaniano dos registros real, simbólico e imaginário.

O Computador como Suporte do Registro Simbólico

Na conferência *Psicanálise e Cibernética, ou da Natureza da Linguagem*, Lacan nos fala do que considera "... estas duas ordens de pensamento e de ciência, que são a psicanálise e a cibernética", dizendo "tratar-se de situar um eixo, por intermédio do qual algo da significação de uma e de outra seja esclarecido. Este eixo, ele o afirma, "não é outro senão o da linguagem." Remete-nos então às questões referentes à linguagem. Para estabelecermos a ligação entre tais questões e a utilização do computador, através do assim referido eixo comum da linguagem, destacamos as seguintes afirmativas de Lacan:

(i) *O Inconsciente é estruturado como uma linguagem.*

(ii) *Pela cibernética, o símbolo se encarna em um aparelho com o qual não se confunde, por ser o aparelho apenas o suporte.*

(iii) ... a máquina é a estrutura como desvinculada da atividade do sujeito. O mundo simbólico é o mundo da máquina.

Para que se possa melhor entender e discutir estas afirmativas, registremos que Lacan introduz, na sua intervenção na psicanálise, um novo paradigma: a conceituação dos registros do imaginário, do simbólico, e do real — o termo RSI.

Mas o que entende Lacan por Real, Simbólico e Imaginário?

Quanto ao real, diremos, brevemente, que, para Lacan, refere-se à realidade do inconsciente. O real é sempre "aquele do encontro faltoso", camuflado pelo significante, um substituto simbólico que opera uma cisão entre o que é vivido e aquilo que o representa. As ligações que Lacan propõe entre o real e as questões da linguagem estão, de certa forma, resumidas na propriedade singular que atribui à linguagem: a de representar a presença de um real às custas da sua própria ausência: "pela palavra, que é uma presença feita de ausência, a própria ausência vem a se nomear" (*Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse*, in Lacan, 1965).

O registro do imaginário, associado a imago, ilusão, espelho - tem características subjetivas, individuais, particulares —, é o registro por excelência das relações sociais, constituindo-se assim na dimensão própria das relações do ser humano com o seu semelhante. A concepção lacaniana do imaginário está diretamente ligada à releitura que faz de Freud, particularmente no que se refere à questão do eu, que Lacan faz deslocar-se do lugar central que ocupava na filosofia clássica. À questão "...o que quer dizer 'Eu' ?", Lacan responde afirmando que o ego psicanalítico nada tem a ver com o eu da psicologia clássica. Como resume Garcia-Roza (1988, p. 211):

O ego, ao contrário do que se supunha, não é o lugar da verdade do sujeito, mas imagem que o sujeito tem de si mesmo. Na situação de análise, o ego se manifesta como defesa, o que lhe confere uma função fundamental: a função de desconhecimento. Em sua origem, o ego (moi) é anterior ao eu (je), e tem seu primeiro esboço constituído no imaginário.

O eu, por seu lado, "... é um termo verbal cujo uso é aprendido numa certa referência ao outro, que é uma realidade falada e (...) constitui-se inicialmente numa experiência de linguagem, em referência ao tu" (Lacan, 1953/1954, p. 193).

Assim, para Lacan, o ego se esboça anteriormente à linguagem, no plano da relação imaginária do estado especular, como consta de sua formulação inicial, contida em "O estágio do espelho como formador da função do eu", texto datado de 1936, e retomado posteriormente em 1949, durante o Congresso Internacional de Psicanálise, em Zurique.

O registro simbólico constitui em Lacan, uma noção tão elaborada quanto heterogênea. Conforme Miller, este conceito inclui tanto a dialética quanto a cibernética, podendo ser considerado em duas vertentes — a vertente da palavra e a da linguagem —, tendo Lacan passado da primeira, a vertente da palavra, da significação, à segunda, a da linguagem, a vertente do "sem-sentido", tendo elaborado progressivamente a dimensão comum a estes dois aspectos do simbólico (Miller, J-A, 1988).

É importante registrar que, em seu trajeto nessas duas vertentes do simbólico, Lacan propõe modificações fundamentais, reunindo questões estruturais e lingüísticas.

Em primeiro lugar, contrariando o paralelismo de Saussure entre significante e significado, insistindo no fato de que o significante atua sobre o significado, e, em certo sentido, o significante cria o significado, ou seja, é a partir do "sem-sentido do significante, que se engendra a significação".

A esse respeito, em *Mais, ainda*, referindo-se à função da escrita como traço do discurso, Lacan afirma:

Se há alguma coisa que possa nos introduzir à dimensão da escrita como tal, é nos apercebermos de que o significado não tem nada a ver com os ouvidos, mas somente com a leitura do que se ouve de significante. O significado não é aquilo que se ouve. O que se ouve é significante. O significado é efeito do significante. (Lacan, 1972/73, p.47)

Um segundo ponto — diz-nos Jacques Allain-Miller (1988) — refere-se ao conceito de "cadeia significante", uma seqüência orientada, identificada na organização significante, que origina uma propriedade fundamental da língua: o fato de seu desdobramento, segundo a direção orientada do eixo sintagmático, ser o eixo da fala. A partir da noção de cadeia significante, Lacan aborda a questão da sobre determinação, na qual vê, como Freud, a condição básica das formações do inconsciente — os sonhos, os atos falhos, os ditos espirituosos, os sintomas...; neste sentido, uma qualquer cadeia significante, no ato do discurso, impõe sempre a primazia dos significantes sobre os significados, sendo o efeito de sentido uma questão que independe dos significados específicos de cada elemento da cadeia.

O terceiro aspecto destacado por Miller refere-se à forma como Lacan considera o simbólico como uma estrutura íntegra, como um termo, fazendo uma clara distinção entre as relações do sujeito com a estrutura, e as relações — imaginárias — do "eu" com o "outro", seu semelhante. Para isto Lacan introduziu a notação do Outro, com inicial maiúscula (*Autre*), o lugar do significante, para distingui-lo do "outro", com minúscula, simétrico do "eu" imaginário. É de acordo com esta noção que se diz que, para Lacan, o simbólico, como estrutura, precede o indivíduo, sendo o sujeito servo da linguagem, pois é a partir da linguagem, que o precede, que ele constrói sua mensagem, mas de tal forma que fica propriamente condicionado pela estrutura.

A palavra é assim um elemento de troca simbólica que permite que o sujeito se posicione na estrutura. Mas para Lacan o conceito de sujeito surge como que comprometido em uma "jogada que, a rigor, não armou", estando localizado em uma dada posição, a partir das armadilhas da sua própria linguagem, não tendo assim a conotação da reponsabilidade subjetiva sobre seus próprios atos — não se confunde então com o "sujeito agente", e nesse fato reside a questão da dimensão estruturante do processo inconsciente. A constituição inicial do sujeito seria então feita através da perspectiva edípica, na estrutura simbólica que precede: ele é falado a partir de um além de si próprio que o precede e localiza.

Mas como poderia então esse sujeito comprometer-se com uma fala que, na aparência, é por ele escolhida, mas que, a rigor, o extravasa?

A prática analítica desde Freud mostra que o falante organiza seu discurso intencional com elementos que o excedem — os "restos da linguagem" — como código. Esta é a dimensão do inconsciente; por isso, no dizer de Lacan, o inconsciente é "estruturado como uma linguagem": o sujeito se relaciona com os significantes a partir de um processo de determinação simbólica, e este processo condiciona sua posição como sujeito. De outra forma: somos falados por nosso discurso. E, quando falamos, não estamos simplesmente expressando algo, passando o conteúdo de uma informação, estamos nos colocando em uma determinada posição relativamente ao nosso interlocutor, de tal forma que essa posição depende de uma certa estratégia que escapa à nossa "vontade consciente", pois é mediada pelo sistema de regras e convenções do registro simbólico, enquanto estruturante dessa mesma relação.

Na citada conferência sobre psicanálise e cibernética, Lacan, discutindo a cibernética como uma ciência da sintaxe, observa:

Aqui intervém um fato precioso que a cibernética nos manifesta — algo não é eliminável da função simbólica do discurso humano, trata-se do papel que nele desempenha o imaginário. (...) Se existe algo que a cibernética põe em destaque é justamente a diferença da ordem simbólica radical e da ordem imaginária. (Lacan 1954, p.367)

E, lembrando que há certas coisas que são "descobertas do simbólico", pois não podem ser concebidas no registro do imaginário, mas podem ser facilmente representadas simbolicamente por computadores, Lacan ressalta um aspecto que tem passado despercebido, o "fato precioso" manifestado pela cibernética: a disjunção que permite entre o simbólico e o imaginário, algo que facilmente reconhecemos quando observamos uma criança surpresa ao constatar a diferença entre o resultado de sua tentativa, simbolizado na tela, e a imagem mental do que desejara produzir, com seu procedimento em LOGO...

Outro Aspecto Unificador entre Psicanálise e Cibernética: a questão da representação-palavra e a teoria biológica dos objetos mentais

O trabalho com crianças surdas explora, necessariamente, o canal visual, sendo então importante, além dos parâmetros que se relacionam

diretamente à expressão corporal, a representação por imagens. Considerando o fato, relevante mesmo no caso de crianças ouvintes, de ser o computador um instrumento que permite, num certo sentido, um desvelar do pensamento lógico da criança, vez que, ao elaborar um procedimento em LOGO (um programa em linguagem LOGO), ela articula seu raciocínio e o descreve em termos simbólicos, estabelecendo uma correspondência entre uma "representação mental" e o objeto simbólico desenvolvido (o programa), por sua vez representado na tela de vídeo (um efeito ou resultado do programa). Segue-se que, tanto no caso de textos ou gráficos, toda e qualquer representação simbólica na tela do computador, resultante de um tal processo, pode ser vista como um efeito, uma leitura, da assim referida "representação mental" original.

Mas o que vem a ser uma "representação mental"?

Para esclarecer estes fatos, tomemos os comentários de Luiz Alfredo Garcia-Roza (1991, p.47), em *Introdução à Metapsicologia Freudiana*:

Segundo Freud, cada excitação decorrente das impressões produzidas pelo mundo exterior deixa no córtex cerebral uma inscrição permanente, inscrições estas que são armazenadas sem se confundirem umas com as outras. São estas excitações armazenadas uma após a outra que ele designa de imagens mnêmicas. As imagens mnêmicas são categorizadas em quatro grupos: imagens acústicas, imagens cinestésicas, imagens da leitura e imagens da escrita; o conjunto destas imagens forma a representação complexa da palavra. A palavra corresponde, pois, a uma associação de imagens mnêmicas ou representações, sendo que seu significado não decorre das impressões, mas da articulação da imagem mnêmica com a representação-objeto.

Consultando o texto da tradução da obra de Freud (1979,p.67) sobre as afasias, encontramos:

Para a psicologia, a unidade da função de linguagem é a palavra, uma complexa representação que se apresenta composta de elementos acústicos, visuais e cinestésicos. Devemos à patologia o conhecimento desta composição: ela nos indica de fato que, no caso

de lesões orgânicas do aparelho da linguagem, se verifica uma desmontagem do discurso, segundo esta composição.

E, mais adiante, Freud (p.68) esclarece:

Aprendemos a falar na medida em que associamos uma "imagem acústica da palavra" com uma "sensação em nível de inervação da palavra". Quando falamos, chegamos à posse de uma "representação motora da linguagem" (sensações centrípetas dos órgãos da linguagem) de tal modo que a "palavra" é, para nós, duplamente determinada em nível motor...

Além disso, após o falar, obtemos uma "imagem acústica" da palavra pronunciada. Enquanto não tivermos desenvolvido ulteriormente a nossa linguagem, basta que esta segunda imagem acústica seja associada à primeira, não é necessário que seja igual.

A importância das imagens visuais no complexo da representação da palavra é destacada por Freud, quando comenta um caso clínico de uma "afasia óptica":

A constatação de que perturbações devidas aos elementos ópticos das representações de objetos podem exercer um tal influxo na função da linguagem explica-se pelo fato de as imagens visuais serem as componentes mais relevantes e importantes das nossas representações de objetos. Se num homem o trabalho mental se realiza essencialmente com a ajuda dessas imagens ópticas, pelo que, segundo Charcot, é determinante a estrutura individual, lesões bilaterais na zona cortical óptica devem também fazer surgir perturbações das funções da linguagem que vão muito além daquilo que é explicável em termos de localização. (op. cf., p.74)

Voltando aos comentários de Garcia-Roza (1991, p.48) à referida obra de Freud, registramos:

A afirmação de que a palavra adquire sua significação pela ligação com a representação-objeto faz do aparelho de linguagem um aparelho que não apenas articula representações, mas sobretudo que

essa articulação de representações tem um efeito de sentido. A significação não resulta da relação entre a representação-objeto e a coisa externa ou o referente, mas da relação entre a representação-objeto e a representação-palavra. O termo representação-objeto não designa o referente ou a coisa (da qual ele retiraria sua significação), mas, na sua relação com a representação-palavra, designa o significado. A significação não está na coisa (no referente) nem em cada imagem (visual, tátil, acústica, etc), ela resulta da associação destes vários registros pelos quais se dá a representação.

Ora, se o significado de uma representação decorre da articulação entre representações, segue-se que a questão está propriamente no registro do significante, independentemente assim da relação direta com a "coisa real" representada. Por outro lado, seriam então as associações as responsáveis pela própria estruturação do aparelho de linguagem. Mas Garcia-Roza (p.85) adverte-nos sobre a distinção entre a associação enquanto relação entre termos e a associação quando ela mesma é o termo de uma relação.

No primeiro caso, a associação enquanto relação articula os vários elementos (acústicos, visuais e cinestésicos) que compõem a representação-palavra, de tal forma que nenhum desses elementos possa ser concebido isoladamente, ou seja, não existe imagem motora da palavra sem a correspondente imagem acústica e vice-versa; em contrapartida, a associação tomada ela própria como termo de uma relação refere-se à relação de uma representação-palavra (um complexo associativo) com outras representações-palavras. Freud registra estas associações de associações como "superassociações", referindo-se ainda ao fato clínico de que, em casos de lesões, as superassociações são danificadas antes que isto ocorra com as associações primárias.

Um aspecto muito importante para os objetivos deste trabalho está registrado no estudo de Garcia-Roza (p.44):

Partindo do fato de que Freud introduz a noção de superassociação a propósito de "aquisições novas", Nassif arrisca a hipótese, não explícita em Freud, mas apoiada em seu texto, de que as imagens sonoras são agenciadas diferentemente segundo o código ao qual se

pode relacionar cada seqüência com função de mensagem o que faz com que a associação seja dependente não apenas do aparelho de linguagem, mas também da estrutura significante estabelecida progressivamente pela percepção do material fônico (ou gráfico) de um código dado. Em termos do aparelho de linguagem uma aquisição nova estaria então ligada à relação que o aparelho estabelece com um outro, fazendo com que a similaridade imposta pelo código se articule com o novo implicado na mensagem.

Esta seria então a verdadeira combinatória de processos que caracteriza a superassociação:

Se o aparelho de linguagem se constitui nessa necessária relação com um outro aparelho de linguagem, e se cada representação-palavra tem uma extensão diferente dependendo do outro aparelho ao qual ela é destinada, então "o aparelho de linguagem é uma construção implicando uma perpétua reconstrução." (op. cit, p.44)

A Teoria Biológica dos Objetos Mentais

Jean-Pierre Changeux (1983), em *L'Homme Neuronal*, retoma a hipótese dos "objetos mentais", afirmando que:

A hipótese adotada aqui é que percepção, imagem de memória e conceito constituem formas ou estados diversos de unidades materiais de representações mentais, que nós reagrupamos sob o termo geral de "objetos mentais," (p.16)

Desenvolvendo e discutindo a referida hipótese, Changeux afirma que os objetos mentais, embora distintos, gozam de uma certa familiaridade neuronal, sendo o pensamento o resultado do fluxo de tais objetos ao longo do tempo:

Os objetos mentais imbricam-se uns nos outros, como os elos de uma cadeia...; não existem, em geral, em estado livre... surgem simultaneamente independentes e dependentes, no sentido em que não podemos conceber um qualquer objeto mental, sem estar relacionado a outros, (op. cit, p. 169)

Changeux expõe e discute experimentos nos quais pretende demonstrar a validade da teoria dos objetos mentais, registrando inclusive fatos importantes, atualmente reavaliados, como a possibilidade de fotografar-se objetos mentais — a tomografia por emissão de pósitrons, referida como *PET Scan* — que, através do uso de isótopos de carbono (Xenônio 133, Carbono 11, Fluor 18, etc), permite registrar variações da atividade neuronal associadas à presença no córtex cerebral, de um dado objeto mental.

O aspecto unificador que destacamos refere-se aos fatos que constituem a principal hipótese deste trabalho. Se imagens mentais, conceitos e percepções são tipos de "objetos mentais", com familiaridade neuronal, a questão da correspondência entre representação-objeto (*objektvorstellung*) e representação-palavra (*wortvorstellung*), denominações utilizadas por Freud no seu trabalho sobre as afasias, pode ser estendida, particularmente no caso dos surdos, para relações homólogas, nas quais:

(H1) — um tipo específico de objeto mental pode ser provocado por uma imagem visual — simbolizada na tela de vídeo — integrando assim a chamada "representação-palavra", e simultaneamente favorecendo a associação de objetos, que caracteriza a formação de sentido, a partir do processo combinatório descrito por Freud;

(H2) — qualquer representação-objeto pode ser expressa, como resultante — parcial ou final — do processo de associações de objetos, de tal forma que, mesmo excluindo a participação da imagem acústica da palavra — caso dos surdos —, a evolução do processo iniciado pela elaboração do objeto simbólico que é o programa facilita a expressão do fluxo de objetos mentais, (melhor seria dizer-se desenvolvimento de operações de objetos mentais), abrindo caminho ao mecanismo de construção/reconstrução do aparelho de linguagem;

(H3) — em qualquer dos casos, as características específicas do computador — "suporte do registro simbólico", caracterizando "a estrutura desvinculada da atividade do sujeito", — interferem na complexa organização da representação-palavra, facilitando o processo das combinatórias de associações e superassociações .

Sobre a Criança Surda...

Resume-se, em seguida, alguns aspectos referentes à forma como procuramos nos relacionar com a criança surda, buscando uma coerência com a abordagem proposta.

Crianças surdas, em particular as portadoras de surdez profunda, ainda que, de alguma forma, aprendam a falar, fazem-no com grande prejuízo no que se refere às trocas simbólicas comuns às pessoas ouvintes. Como registra Danielle Bouvet (1982, p.58), referindo-se ao fato de que uma pessoa surda não pode ouvir suas próprias palavras:

Ela é excluída de fato, de todo o prazer baseado na materialidade mesma da palavra, nestas sonoridades que ela não pode apreender, sonoridades nas quais as pessoas ouvintes se comunicam, se tocam, se exprimem, se identificam... sonoridades para as quais nós podemos escapar, fugindo dos limites de nossas conversas importantes, pois elas representam sempre um espaço gratuito... sonoridades graças às quais falar é também se divertir. (...) Dizer que uma pessoa surda "fala", não quer dizer que ela manipule totalmente o processo da palavra, nem que ela possa satisfazer suas necessidades de sujeito falante.

De outra forma, considera-se que qualquer ação dita pedagógica, apoiada na aprendizagem de um código, não permite realmente à criança surda a total compreensão do funcionamento da palavra; de alguma maneira, as tentativas de "ensinar" uma criança surda a falar — a falar como ouvintes comuns — apoiam-se, a meu ver, em pressupostos que expressam a nossa condição de ouvintes-falantes, desconhecendo a realidade crucial própria à criança surda.

Entretanto, o reconhecimento de toda esta situação não nos autoriza a desconhecer a criança surda como sujeito. Voltando a Danielle Bouvet, quando discute *L'acces a la parole*, no texto *Que fait-on quand on parle?*:

Um dos mitos que podemos abolir em conclusão a este capítulo é o da criança surda vista como un enfant sans language. Não se deve

recusar o estatuto de sujeito a esta criança, malgrado sua (assim referida) falta de linguagem.

E Danielle Bouvet (1982) prossegue ainda afirmando que toda a sua pesquisa, empreendida para circunscrever o funcionamento da palavra, torna, a seu ver, impossível a idéia de um sujeito sem linguagem:

Se a criança surda existe como sujeito, ela existe como sujeito falante. À sua maneira, a criança surda não deixa de se constituir em uma linguagem, de se dar uma palavra, ainda que assim não nos pareça, ao primeiro contacto, tão diferente que deve ser da nossa palavra de pessoas que ouvem. Uma diferença de linguagem não significa inexistência de linguagem. Mas nós não sabemos ver isto que a criança surda, em sua engenhosidade de sujeito falante, soube elaborar como palavra. Todos nós simplesmente o ignoramos, tão zelosos que somos em "ensinar" nossa palavra articulada a este pequeno ser que consideramos como uma tábula rasa, no domínio da palavra, (p.62)

Finalmente, independentemente de qual aporte teórico seja utilizado, na abordagem escolhida, estamos convencidos da necessidade de estabelecermos um ambiente que possibilite à criança surda a oportunidade de encontrar um desempenho lingüístico coerente com a sua condição de sujeito. Neste sentido, pretendemos desenvolver no SPA da UFF, em nosso grupo de trabalho ainda em formação, condições que caracterizem uma proposta de trabalho bilíngue, nos moldes já desenvolvidos, por exemplo, na UFPE, por Tanya A. Felipe (1991).

...E Mais, Muito Mais Ainda!...

As hipóteses de trabalho se transformam...; as questões ainda insistem...

A principal dificuldade reside na formação de um grupo de trabalho que possa sustentar o discurso, reunindo — ou contrapondo — hipóteses, questões e possíveis resultados.

Também faltam equipamentos...

Em Aberto, Brasília, ano 12, n.57, jan./mar. 1993

Mas o pouco que se tem já torna indispensável a participação de mais pessoas.

Entretanto, a demanda de crianças surdas, na busca de apoio institucional, duplamente marginalizadas — pela surdez e pelas condições sociais — aí está, exigindo que continuemos...

É preciso escutar os surdos!...

Referências Bibliográficas

BARRELA, F.M.F. 1UM, 2DOIS, 3TRES: buscando significados através do Logo. In: VALENTE, J.A.(Org.). *Liberando a mente: computadores na educação especial*. Campinas: UNICAMP, 1991.

BOUVET, D. *La parole de l'enfant sourd*. Paris: Press Universitaire de France, 1982.

CHANGEUX, J.P. *L'homme neuronal*. Paris: Artheme Fayard, 1983.

FAGUNDES, L, NEVADO, R.A. *Novo Paradigma em Informática e Educação Especial*. [Rio de Janeiro, 1991]. Apresentado no Workshop "Informática na Educação", 43ª Reunião Anual da SBPC, Rio de Janeiro, jul. 1991.

FELIPE, T.A. *O uso da informática para surdos, a partir de uma proposta bilíngue*. [Rio de Janeiro, 1991]. Apresentado no Workshop "Informática na Educação", 43ª Reunião Anual da SBPC, Rio de Janeiro, jul. 1991.

FERNANDES, E. *Problemas lingüísticos e cognitivos do surdo*. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

FREUD, S. *A interpretação das afasias*. Lisboa: Edições 70, 1979. Ed. original: 1891.

- FREUD, S. *Projeto para uma psicologia científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v.1 Ed. original: 1895.
- FRÓES, J.R.M. *A linguagem LOGO como instrumento psicopedagógico*. [São Paulo, 1988]. Trabalho apresentado no I Congresso Brasileiro de Psicopedagogia, São Paulo, 1988.
- FRÓES, J.R.M. *Psicanálise e informática: o outro lógico*. [Niterói, 1990]. Comunicação apresentada no II Encontro sobre Psicoterapia em Instituições Públicas, promovido pelo Serviço de Psicologia Aplicada da UFF, set. 1990.
- FRÓES, J.R.M. *O computador como suporte do processo simbólico na educação do deficiente auditivo*. [S.Ls.n., 1990/1991]. Projeto apresentado ao INES em 1990, e desenvolvido no período 1990/1991.
- FRÓES, J.R.M. *Psicanálise e cibernética: o computador como suporte do simbólico. O uso do computador com o deficiente auditivo*. Palestra proferida na Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação da PUC- SP, e na Sociedade Paranaense de Ensino e Informática, jul. 1991.
- FRÓES, J.R.M. *A linguagem LOGO no trabalho com crianças surdas: O computador como suporte do registro simbólico - uma abordagem psicanalítica*. [Petrópolis, 1992]. Trabalho apresentado no III Congresso Brasileiro LOGO, UCP, Petrópolis, set. 1992.
- GARCIA-ROZA, L.A. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- GARCIA-ROZA, L.A. *Metapsicologia freudiana I*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- LACAN, J. *Ecríts*. Paris: Editions du Seuil, 1965.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 1*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. Ed. original: 1953/1954.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 11*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985a. Ed. original: 1964.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 20*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985b. Ed. original: 1972/1973.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 2*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. Ed. original: 1954.
- MILLER, J.A. *Percurso de Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- MYKLEBUST, H.R. *Psicologia del sordo*. Madri: Ed. Magistério Espanhol, 1975.
- VALENTE, J.A. (Org.). *Liberando a mente: computadores na educação especial*. Campinas: UNICAMP, 1991.